

“SEM FEMINISMO NÃO HÁ AGROECOLOGIA”: A RESSIGNIFICAÇÃO DAS RELAÇÕES ECONÔMICAS POR UMA PERSPECTIVA FEMINISTA

Mariana Martins (Mestranda em Administração- CEPEAD/UFMG)

marianaj_martins@hotmail.com

Agência financiadora: CNPq

GT 3: Relações de gênero e étnico-raciais

Resumo: O presente trabalho, objetiva por abordagem decolonial apresentar práticas e vivências da agroecologia, alinhadas à economia solidária que resgatam modos alternativos das relações econômicas, na chamada economia feminista por meio do feminismo comunitário. Para isto, a pesquisa qualitativa trará como sujeitas as mulheres do Sistema Participativo de Garantia da Qualidade Orgânica, o SPG Orgânicos Sul de Minas. A coleta dos dados, feita por meio de observação participante e diário de campo, traz relatos de experiência acerca das mulheres e da agroecologia no Sul de Minas Gerais. Aborda-se por meio dos dados, as temáticas da articulação das mulheres do SPG Sul de Minas em prol da autonomia econômica e conscientização delas enquanto integrantes do processo produtivo da agricultura familiar e da comercialização; resgate e valorização dos saberes locais e tradicionais; promoção da segurança alimentar e nutricional; e, espaço comunitário/coletivo de trabalho. Espera-se, evidenciar como as mulheres rurais do Sul de Minas atuam e ressignificam o ser mulher na agricultura por meio da agroecologia, junto à economia solidária, promovendo a economia feminista via feminismo comunitário.

PALAVRAS-CHAVE: Agroecologia. Economia Feminista. Feminismo comunitário. Mulheres Rurais.

1. INTRODUÇÃO

A expressão “Sem feminismo não há agroecologia” aqui posta, alinha-se a proposta do Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia, por acreditar que a prática e vivência da agroecologia, possuem forte respaldo na atuação feminina de caráter comunitário dentro do meio rural. Assim, no presente trabalho, objetiva-se por uma abordagem decolonial apresentar práticas da agroecologia, alinhadas à economia solidária (ES) que resgatam modos alternativos de trabalho, produção e economia, na chamada economia feminista por meio do feminismo comunitário.

Neste sentido, apresenta-se a organização/mobilização de mulheres existente no Sistema Participativo de Garantia da Qualidade Orgânica- Central de Associações dos Agricultores

Orgânicos do Sul de Minas (SPG Sul de Minas)¹. Por meio de observação participante e do diário de campo, apresenta-se relatos de experiências sobre encontros organizados pela Orgânicos Sul de Minas, cujo objetivo destes é promover e evidenciar a importância das mulheres para a produção, organização e comercialização agroecológica.

Para dar suporte teórico à relação estabelecida entre o agroecologia e o feminismo no contexto do presente trabalho, apresentamos a economia solidária como alternativa ao sistema capitalista e que, por meio de ações coletivas, ressignifica as relações sociais e econômicas promovendo principalmente, a valorização do ser humano. Nesta mesma linhagem, trazemos a econômica feminista que, se apresenta como vertente da economia solidária, aprofundando a questão das mulheres na economia, problematizando a divisão sexual do trabalho e a separação entre trabalho produtivo e reprodutivo; espaço público e espaço privado.

Mantendo a linha decolonial da escrita, pela organização das mulheres, é abordado o feminismo comunitário, o qual é movimento de resgate e valorização de saberes iniciado na Bolívia, que resiste e luta contra o Patriarcado e o Sistema Capitalista. Por fim, na linhagem da luta, movimento e resistência, relacionamos as mulheres rurais com a agroecologia como articuladoras políticas do bem viver, da segurança alimentar e nutricional, da ancestralidade dos saberes e da relação ser humano-natureza.

Por meio do relato dos encontros e eventos de mulheres, sendo estes: I Encontro de Mulheres do Sistema Participativo de Garantia da Qualidade Orgânica- SPG Sul de Minas; VIII Festa da Sementes Orgânicas e Biodinâmicas do Sul de Minas Gerais (Oficina: As Guardiãs das Sementes: A importância do Trabalho das Mulheres na Preservação de Sementes Crioulas); Circuito Sul Mineiro de Agroecologia; e, Mutirão de colheita de café orgânico- coloca-se como pontos centrais para a relação entre teoria e experiência, a articulação das mulheres do SPG Sul de Minas em prol da autonomia econômica e conscientização delas enquanto integrantes do processo produtivo da agricultura familiar e

¹ O SPG Sul de Minas surge em 2012 de uma mobilização de agricultores agroecológicos, com apoio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas (IFSULDEMINAS), da Empresa de Assistência Técnica e Extensão de Minas Gerais (EMATER-MG) e do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimentos (MAPA), para o desenvolvimento de um projeto de fortalecimento da Agroecologia do Sul de Minas. Atualmente são 14 grupos, sendo 2 cooperativas, 09 associações e 03 grupos informais, presente em cerca de 50 cidades que abrangem uma grande região do Sul de Minas. São cerca de 200 famílias participantes com 184 unidades de produção certificadas.

da comercialização; resgate e valorização dos saberes locais e tradicionais; promoção da segurança alimentar e nutricional; e, espaço comunitário/coletivo de trabalho.

Espera-se, assim, evidenciar como as mulheres rurais do Sul de Minas vem atuando sociopolítico e economicamente, ressignificando e resgatando o ser mulher na agricultura por meio da agroecologia, junto à economia solidária, promovendo a economia feminista via feminismo comunitário. Tal proposta, faz pensar a ES como teoria e prática decolonial, justamente por ter na agroecologia e na economia feminista, cenários de sua prática, principalmente no que tange aos coletivos feministas.

2. ECONOMIA SOLIDÁRIA

A Economia Solidária (ES) surge enquanto movimento de base em prol de ações coletivas e solidárias contrapondo à exploração e individualidade posta pelo Sistema Capitalista, com berço no movimento operário do século XIX em meio à uma crise socioeconômica da Revolução Industrial (FRANÇA FILHO; LAVILLE, 2004). Pela solidariedade envolta do termo, a Economia Solidária se torna diversa e plural, no sentido de se tornar alternativa à lógica capitalista corrente, atuando em prol da autogestão, solidariedade, promovendo desta forma a reciprocidade, gestão comunitária e promoção dos bens comuns e ações coletivas (SABOURIN, 2014).

No cenário do Brasil, a ES emerge na década de 1980 por meio de experiências de organizações de caráter associativista. Mas, foi na década de 1990 que tal movimento foi impulsionado em prol da geração de trabalho e renda, mediante à crise e ao desemprego da época. Por toda ação coletiva em torna da prática da ES, esta se baseia na horizontalidade da gestão dos empreendimentos econômicos solidários- associações e cooperativas- por meio da autogestão, e também, referente à comercialização (SCHMITT, 2010). Também, promove a sustentabilidade das relações de produção e sociais, envolvendo a valorização e proteção na natureza; nesta mesma linhagem, a Economia solidária traz tem como centralidade a valorização do ser humano, de modo a pensar na geração de trabalho e renda, pensando-se na valorização dos saberes locais, cooperação, solidariedade e reciprocidade (PINTO, 2006).

Neste sentido, a Economia Solidária ressignifica os sentidos do consumo, trabalho, produção e trocas, fortalecendo a reciprocidade entre os indivíduos envolvidos em tal economia. Nos aportes da ES, a valorização do ser humano e da natureza, criam entre si, uma relação de reciprocidade, para se pensar na ressignificação da relação ser humano-natureza e na questão da segurança alimentar e nutricional (SIMON; BOEIRA, 2017). Sendo

assim, podemos nos aproximar de dois campos práticos-teóricos: o da Agroecologia, que está além para técnicas de manejo; e da Economia Feminista, onde o trabalho, não somente pelo caráter econômico da atividade, como também, todo contexto necessário para a produção dos serviços, bens e da vida, como posto por Nobre (2015), aprofunda as relações interpessoais por meio de cuidados e afetos se tratando de um campo de resistência das mulheres.

3. ECONOMIA FEMINISTA

A Economia Solidária, como foi vista, traz para seu plano a centralidade das suas práticas na valorização do ser humano. Neste sentido, pensar nas mulheres enquanto sujeitas desta economia, é tomar frente à problemática da separação que há entre político e econômico e, reprodução e produção (NOBRE, 2015).

Tal problemática traz para o centro da discussão da economia numa perspectiva feminista a condição dada à ciência econômica de construção social que chegou a invisibilizar a mulher nas questões econômicas. Trata-se de uma ferramenta de duas vias para se propor elaborações feministas antissistêmicas- Capitalismo e Patriarcado (MORENO, 2014).

Neste sentido, a Economia Feminista trata-se de uma economia que almeja melhoria da condição econômica das mulheres, colocando em evidência o papel que estas sujeitas ocupam na economia e na família (COELHO, 2009). Ou seja, é a centralidade dada ao (in) visível pelo Sistema Capitalista: a divisão sexual do trabalho, onde há as tarefas consideradas as masculinas e as femininas, além do valor econômico dado às tarefas de acordo com a quem as realiza (MORENO, 2014). E também, a separação do próprio capitalismo entre produção e reprodução: a produção, voltada para mercadorias com valor econômico de mercado e, a reprodução, envolve aspectos materiais, como o trabalho doméstico (NOBRE, 2015).

Havendo assim, o reconhecimento das mulheres enquanto sujeitas do político, os empreendimentos econômicos solidários passam a atuar em prol da questão de gênero, incluindo nesta, as mulheres na economia (SIMON; BOEIRA, 2017). A partir do momento em que há inclusão da questão das mulheres na Economia Solidária, seu tratamento por meio da Economia Feminista, aproxima a geração de trabalho e renda da luta antissistêmica das mulheres, onde, para além da economia, as mulheres trazem consigo a valorização e reconhecimento de suas atividades produtivas que, alimentam as econômicas (MORENO, 2014).

A partir do momento em que a Economia Feminista traz consigo a ampliação sobre a Economia Solidária, uma vez que promove a inserção das mulheres nas relações econômicas, além de desconstruir as desigualdades econômicas e as sociais que são estabelecidas culturalmente entre homens e mulheres (SIMON; BOEIRA, 2017). A partir do momento em que se alinha a ES com a Economia Feminista, pensa-se num campo de ruptura para a divisão do trabalho doméstico e da separação do espaço público e do espaço privado. Havendo uma reciprocidade entre as duas economias, a vertente feminista amplia a solidariedade, de modo que, há num contexto total dos espaços econômicos, o foco em garantir as necessidades humanas, ou seja, valorização do ser humano (NOBRE, 2015); e também, a constituição dos espaços de reciprocidade. Justamente pela luta tida contra a construção do Patriarcado e do Sistema Capitalista sob o ser mulher, do ponto de vista econômico e social, é que se pensar na decolonialidade de gênero aproxima ações que visibilizam as mulheres por meio do coletivo (MORENO, 2014; NOBRE, 2015; SIMON; BOEIRA, 2017). Aqui, é que se pode pensar na aproximação das organizações de mulheres com o feminismo comunitário que vem se estendendo por toda América Latina.

4. FEMINISMO COMUNITÁRIO

Ao se pensar em toda conjunta envolta da Economia Solidária e da Economia Feminista, deparamo-nos com organizações de mulheres por todo um movimento Latino-Americano. À medida que a Economia Feminista luta para a desconstrução das diversas formas de opressão do Sistema Capitalista e do Patriarcado, o Feminismo Comunitário surge no início do século XXI como movimento social presente em diversos países da *Abya Yala*², como resistência contra a colonização do gênero, principalmente sob as mulheres indígenas (PAREDES, 2010); alinhando-se assim, a luta antissistêmica da Economia Feminista (COSTA, 2017). Desta forma, temos que o Feminismo Comunitário é dado como plural por apresentar diversos posicionamentos e perspectivas, denunciando os projetos colonial e neoliberal, em busca do resgate do bem viver e da relação ser humano-natureza (SACAVINO, 2016).

Tomando o posicionamento de articulação coletiva, tendo base na ancestralidade, solidariedade e reciprocidade, o Feminismo Comunitário enfoca sua luta no território e na terra, na comunidade como identidade comum, no espaço particular, no corpo- homem,

² De acordo com Sacavino (2016, p. 99) *Abya Yala* é expressão que no idioma do povo Kuna do Panamá, em especial na América do Sul, é utilizada pelos movimentos indígenas para referir-se à América por considerar esta uma nomeação colonial.

mulher e transgêneros (PAREDES, 2010). Esta conjuntura de atuação do Feminismo Comunitário problematiza também a própria vivência-prática e conceitualização do feminismo, trazendo ao termo nos enfoques por meio das epistemologias do Sul Global, indo assim, de encontro a chamada globalização³ (COSTA, 2017; SACAVINO, 2016).

Por toda contextualização histórica do projeto colonial, patriarcal e capitalista, o Feminismo Comunitário, surge, de acordo com Julia Paredes (2016), uma das suas fundadoras, no movimento de mulheres na Bolívia contra a privatização da água e da guerra do gás. De origem indígena, o Feminismo Comunitário enriquece e amplia o movimento organizado de mulheres em todo território de Abya Yala, onde, “qualquer mulher, que se comprometa, se organize conosco, se entregue a essa causa e deixe seus privilégios, pode ser feminista comunitária ou pode usar a produção política e conceitual para o seu ativismo ou análise” (PAREDES, 2016, p. 1)⁴.

Pela amplitude territorial dada ao Feminismo Comunitário as diversas realidades existentes o tornam um movimento plural, de modo que seu enriquecimento parte do volume de experiências singulares, de realidades particulares de cada território, espaço e corpo, formando o tecido de resistência (SACAVINO, 2016). Deste modo, os Feminismos Comunitários são movimento de cunho político por reconstruírem e unificarem as lutas pela decolonialidade, despatriarcalização e antineoliberalismo no contexto atual da globalização (PAREDES; 2010).

Para as feministas comunitárias pensar na colônia e falar em neoliberalismo, liberalismo, patriarcado. E, o que elas entendem por patriarcado vai além da opressão dos homens sob as mulheres (COSTA, 2017). Na visão das feministas comunitárias, pensar o patriarcado é falar em todas as formas de opressão que oprime todos os seres que vivem no planeta, ou seja, toda a humanidade (mulheres, homens, pessoas intersexuais) e a natureza, principalmente da construção histórica feita sob o corpo das mulheres (PAREDES, 2010; 2016; SACAVINO, 2016). Neste sentido, na visão destas feministas, o Patriarcado antecede a colonização, o que unifica o enfoque das lutas do Feminismo Comunitário em prol da defesa do corpo e da terra, já que entende estes como espaços territoriais de localização da vida em plenitude.

³ Brevemente fazendo a apresentação, pelas teorias decoloniais a globalização, de acordo com Quijano (2007) é um projeto econômico que perpassa o social, com início do processo de colonização da América Latina que acarretou no projeto capitalista colonial/moderno e eurocentrado, e que, ainda vive no continente como novo padrão mundial de poder.

⁴ Pela questão da luta e articulação das mulheres, o Feminismo Comunitário atualmente, passa a não estar somente ligado à “Asamblea del Feminismo Comunitario de Bolivia”, mas se expande para outros países da América Latina e Caribe, sendo chamado de “Feminismo Comunitário de Abya Yala”.

Podemos assim dizer que, a pluralidade dos Feminismos Comunitários de Abya Yala é construída a partir de brechas de insurgências e resistências possíveis ao sistema hegemônico e que, com outros enfoques epistêmicos valorizam e identificam práticas e conhecimentos o Sul Global (PAREDES, 2010; 2016). Esta valorização dos conhecimentos, relaciona-se ao Giro Decolonial, que, de acordo com Walsh (2007), promove o resgate das pessoas, margens, fronteiras, comunidades, movimentos, coletivos que transgridem e interrompem a ordem vigente do poder colonial. Resistências, práticas insurgentes e outras que, juntas ao Feminismo Comunitário se aproximam do movimento das mulheres em prol da Agroecologia.

5. AS MULHERES E AGROECOLOGIA: CONTEXTUALIZANDO A REALIDADE DA LUTA DAS MULHERES RURAIS

Antes de pensarmos no contexto das mulheres articuladas em coletivo combatendo o Patriarcado e o Capitalismo, é importante situarmos a causa das mulheres junto à Agroecologia e de como a relação existente no campo prática, acontece no campo teórico, no movimento político das mulheres em prol da segurança alimentar e nutricional e do bem viver (COSTA, 2017).⁵

Com relação as mulheres e a Agroecologia, o movimento agroecológico tem lugar central no debate feminista acerca de se pensar a saúde e a alimentação como focos da proposta de um desenvolvimento rural sustentável, fazendo-se valer o familiar da agricultura na produção de alimentos (SILIPRANDI, 2013). As mulheres, são militantes em prol da qualidade da alimentação, com diversidade de alimentos e sem uso de resíduos químicos e riscos de contaminação, bem como, em prol da preservação do meio ambiente. Outro aspecto em que as mulheres estão organizadas é na revitalização do uso de plantas medicinais, resgatando saberes para a promoção do cuidado com a vida. Segundo Siliprandi (2013, p. 180)

Para os movimentos de mulheres, um novo modelo de desenvolvimento deve ser capaz de melhorar as condições de sobrevivência das famílias de agricultores, mas em bases sustentáveis ao longo do tempo. Parte-se da avaliação de que o desenvolvimento do capitalismo no campo, baseado na concentração da propriedade e da renda, tem sido socialmente excludente, destruidor do meio-ambiente e gerador de dependência econômica perante grandes capitais transnacionais.

⁵ De acordo Gudynas e Acosta (2012), Bem Viver é um termo oriundo da filosofia dos povos andinos, referente à expressão quéchua Suma Kawsay. Refere-se ao resgate de saberes ancestrais e do caráter transcendental destes, de modo que, busca-se modos de se vida com justiça socioeconômica, solidariedade, convivência e reciprocidade de uma vida comum entre seres humanos e natureza.

A organização das mulheres rurais se baseia em ações coletivas, de caráter feminista em prol da alimentação com qualidade de vida, da relação ser-humano natureza e da reciprocidade que há entre os âmbitos social, político e econômico, para se pensar em formas alternativas de organização, consumo e produção (SILIPRANDI, 2013). Assim, as experiências existentes por parte da pluralidade de movimentos de mulheres trazem alternativas par a produção: sem uso de agrotóxicos, buscando a prática do bem viver, a autonomia economia das mulheres, a ressignificação das relações econômicas; levando em consideração a perspectiva feminista presente nesta economia, e, de como estes fatores se valem da coletividade, reciprocidade e cooperação (NOBRE, 2008).

A articulação feita entre o movimento feminista e o movimento agroecológico, não apenas traz consigo a questão da segurança alimentar e nutricional, mas também, evidencia a prática do bem viver de modo a construir formas de se viver e organizar alternativa à ideia de desenvolvimento do Sistema Capitalista, o qual faz a divisão entre natureza e humanidade. Se pensar nas relações com base no bem viver é ter uma reciprocidade ente estes dois (GT MULHERES ANA, 2015; COSTA, 2017). As ações de caráter feminista que se fazem presentes na Agroecologia, constituem-se na ontologia ética de respeito à vida, na visibilidade da luta feminista e do corpo enquanto expressão política, na mobilização das mulheres rurais (TAIT, 2015). É por esta perspectiva, que se é apresentado a seguir as articulações feministas coletivas e comunitárias, em prol do bem viver, da segurança alimentar e nutricional, da agroecologia e pela economia feminista.

6. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Neste ponto da escrita, é importante alinhar as teorias aqui utilizadas junto ao contexto do objeto de estudo ou melhor dizendo, da organização de mulheres- sujeitas deste estudo. A em si possui pesquisa de caráter qualitativo, por proporcionar uma relação de profundidade entre o eu-pesquisadora e o coletivo de mulheres. Justamente para que houvesse esta interação, a coleta de dados foi feita a partir do convívio com espaços de formação, organização e comercialização em que as mulheres da Central de Associações de Agricultores Orgânicos do Sul de Minas estavam inseridas enquanto protagonistas das questões feministas e agroecológicas.

Do ponto de vista metodológico, a coleta dos dados feitas durante o contato com as mulheres da Central, foi feita por meio de observação participante e diário de campo. A observação participante é um método de coleta de dados utilizado para pesquisas qualitativas, casando-se com a vivência e exploração do objeto de pesquisa (MARCONI;

LAKATOS, 2006). E o diário de campo, o qual tem sua particularidade, justamente por estar nele as observações feitas do contexto da pesquisa por parte do olhar do pesquisador; as anotações nele feitas possuem caráter analítico (ROESE et al., 2006). A partir da imersão nos ambientes do grupo de mulheres, no presente trabalho é trago o relato de experiência das práticas coletivas das mulheres do ponto de vista, econômico, social e ambiental. Ou seja, da economia feminista, da agroecologia e do feminismo comunitário. A escolha pelo relato de experiência se deve ao fato de ser um texto que tem como característica a descrição contextualizada com base em situações e impressões de vivência ocorridas, relacionando-as ao aporte teórico (ROCHA et al., 2010).

Neste sentido, resgatando a solidariedade, a cooperação e a reciprocidade, foram escolhidos para evidenciar o caráter do feminismo comunitário dentro da Orgânicos Sul de Minas, eventos em que a as mulheres foram as protagonistas d. Na tabela a seguir, apresenta-se os eventos e seus objetivos. Os eventos foram realizados entre fevereiro e setembro de 2018. E, posteriormente, o relato da experiência da cada um deles, alinhados às teorias direcionadoras da escrita do presente trabalho como parte prática do cotidiano das ações das mulheres.

Tabela 1: Eventos de mulheres da Central de Associações de Agricultores Orgânicos do Sul de Minas

Evento	Data/Local	Objetivo	Foco nas mulheres/protagonismo
I Encontro de Mulheres do Sistema Participativo de Garantia da Qualidade Orgânica- SPG Sul de Minas.	23 de fevereiro de 2018/ Assentamento Nova Conquista II, Campo do Meio- Minas Gerais.	Articulação das mulheres do SPG Sul de Minas em prol da autonomia econômica e conscientização delas enquanto integrantes do processo produtivo da agricultura familiar e da comercialização.	Total.
VIII Festa da Sementes Orgânicas e Biodinâmicas do Sul de Minas Gerais	27 de julho de 2018/Inconfidentes, Minas Gerais	Resgate e valorização dos saberes locais e tradicionais. Promoção da segurança alimentar e nutricional.	Oficina: As Guardiãs das Sementes: A importância do Trabalho das Mulheres na Preservação de Sementes Crioulas.

Circuito Sul Mineiro de Agroecologia	02 de agosto de 2018/Pedralva, Minas Gerais.	Troca e resgate de saberes locais e tradicionais.	Total.
Mutirão de colheita de café orgânico	20 de agosto de 2018/Poço Fundo, Minas Gerais.	Troca de saberes e espaço comunitário/coletivo de trabalho.	Total.

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 2: Organizações envolvidas nos eventos⁶

Organização	Nome	Localização
Grupo informal organizado	Mulheres Organizadas Buscando Independência (MOBI) ⁷	Poço Fundo
Grupo informal organizado	Coletivo Raízes da Terra ⁸	Campo do Meio
Rede	Rede Agroecológica da Mantiqueira (RAMA)	Pedralva
Associação	Associação Permacultural Montanhas da Mantiqueira	Itamonte
Grupo informal organizado	Grupo de Agroecologia Araucária Viva	Caldas
Associação	Associação de Produtores da Agricultura Natural de Maria da Fé (ANPAN-FÉ)	Maria da Fé
Associação	Associação Agroecológica de Ouro Fino (AOF)	Ouro Fino
Associação	Associação de Agricultores Agroecológicos (Cooper RAES)	Três Pontas
Cooperativa	Cooperativa de Agricultores Familiares de Poço Fundo e Região (COOPFAM)	Poço Fundo

Fonte: Elaboração própria.

7. AS EXPERIÊNCIAS COLETIVAS DAS MULHERES DA CENTRAL DAS ASSOCIAÇÕES DOS AGRICULTORES ORGÂNICOS SUL DE MINAS

Ao decorrer do ano de 2018, entre fevereiro e setembro foram promovidos cinco eventos cujo enfoque eram as mulheres na produção orgânica e agroecológica ou elas eram de

⁶ As associações e cooperativas são mistas, não sendo as mulheres maioria em nenhuma delas. No entanto, a presença feminina se faz presente de maneira significativa.

⁷ Coletivo de mulheres organizadas ligadas à Cooperativa de Agricultores Familiares de Poço Fundo e Região (COOPAM). Mulheres da marca Café Orgânico Feminino.

⁸ Coletivo de mulheres ligado à Cooperativa Camponesa dos Assentamentos Nova Conquista II e Primeiro do Sul, localizados em Campo do Meio, Minas Gerais.

alguma forma vertente da discussão do movimento agroecológico no Sul de Minas Gerais. Claro que, organizadas em coletivo por meio da militância feminista e agroecológica, toda a articulação envolta das mulheres tivera como apoio o Instituto Federal de Ciência de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas (IFSULDEMINAS).

A promoção de eventos que possibilitassem o protagonismo das mulheres rurais na agroecologia se deve a necessidade de visibilizar as mulheres enquanto sujeitas da produção agrícola, além, da auto-organização destas, em busca da desconstrução do Patriarcado, Sistema Capitalista e da agricultura convencional.

Sendo assim, relata-se as experiências vividas de forma coletiva, uma vez em que ser parte do cotidiano das mulheres rurais do Sul de Minas de Alguma forma, possibilita a observação participante e escritos do diário de campo.

7.1. I ENCONTRO DE MULHERES DO SISTEMA PARTICIPATIVO DE GARANTIA DA QUALIDADE ORGÂNICA- SPG SUL DE MINAS

O encontro de mulheres do SPG Sul de Minas, ocorreu no Assentamento Nova Conquista II, em Campo do Meio-Minas Gerais, no dia 23 de fevereiro de 2018. Contando com a presença de cinquenta e três mulheres rurais- agricultoras da produção orgânica e agroecológica. O objetivo do encontro foi promover a articulação das mulheres do SPG Sul de Minas em prol da autonomia econômica e conscientização delas enquanto integrantes do processo produtivo da agricultura familiar e da comercialização. Referente aos objetivos do encontro, foi abordada a importância das mulheres nos espaços de organização e comercialização dos produtos. Desta forma, ocorreram atividades para que as mulheres se identificassem e se valorizassem enquanto mulheres agricultoras, uma vez que, estar em espaços organizacionais, de tomadas de decisões e de comercialização, implica na reestruturação não somente da questão econômica, mas no âmbito doméstico (MORENO, 2014; NOBRE, 2015; SCAVINO, 2016; SIMON; BOEIRA, 2017).

A organização das mulheres enquanto coletivo de toda a Orgânicos Sul de Minas e de cada uma das organizações a qual pertencem, traz uma ressignificação da construção feita sobre a mulher no meio rural (SILIPRANDI, 2013). A partir do momento em que elas passam a problematizar a presença e a ausência de mulheres de determinados contextos, elas trazem consigo a reciprocidade e a solidariedade de se pensar na desconstrução patriarcal e capitalista de suas atividades, buscando romper com a divisão sexual do trabalho (COELHO, 2009; MORENO, 2014; NOBRE, 2015). Pensando-se do ponto de vista econômico, as mulheres se articularam para que haja ressignificação de suas relações

econômicas, levando em consideração a mulher enquanto parte da produção e reprodução que alimentam a economia, de modo a evidenciar o seu caráter solidário, de cooperação e feminista (COELHO, 2009; MORENO, 2014; NOBRE, 2015; COSTA, 2017; SACAVINO, 2016; PAREDES, 2010).

Houve um momento em que as sentadas em círculos estavam encenando o cotidiano de dia de feira, daquelas que faziam parte deste espaço de comercialização. A figura do homem se fez muito presente, no sentido da saída da mulher de casa para ir à feira negociar ocasionar resistência por parte do marido e ao mesmo tempo, resistência por parte da mulher para romper com o patriarcado. [...] Em vários momentos pude perceber que as mulheres confrontavam o espaço doméstico e de trabalho na roça, percebendo como sua presença nos dois ou no doméstico mais do que no outro, são primordiais para a organização da economia (*Trecho do diário de campo, 18 de fevereiro de 2018*).

A discussão sobre a presença da mulher na economia, ainda se faz, justamente pelo fato de que, o Sistema Capitalista ainda vigente, alimenta as relações entre homens e mulheres, principalmente nos espaços de organização e comercialização (SIMON; BOEIRA, 2017; MORENO, 2014). No decorrer do encontro, as mulheres à nível Orgânicos Sul de Minas, propõem diretrizes para que a Organização em um todo passasse a acompanhar mais de perto o cotidiano das mulheres quanto à produção e comercialização.

Vi uma mulher falando que a Orgânicos Sul de Minas, enquanto central que promove a certificação participativa da produção orgânica no Sul de Minas, deve articular espaços onde as mulheres sejam protagonistas da comercialização. Ao ver isto e todo o encontro, a noção de comunidade, solidariedade e cooperação é nítida na visão das mulheres, porque elas melhorarem, melhoram a família e todo o contexto da OSM (*Trecho do diário de campo, 18 de fevereiro de 2018*).

A presença maior das mulheres na comercialização, do ponto de vista delas nas discussões realizadas, fomenta a conscientização para o consumo de produtos orgânicos e agroecológicos, porque elas acreditam serem protagonistas em se pensar na melhor alimentação para a família, para a comunidade e, pensando também em não explorar a natureza e nem o consumidor.

Teve uma hora em que percebi a dimensão do encontro e da relação das mulheres com a agroecologia. O plantar para elas não era só produzir alimento, mas pensar em quem vai consumir, na natureza. Pensar em quem produz e quem paga pelo produto (*Trecho do diário de campo, 18 de fevereiro de 2018*).

A articulação das sujeitas também tem seu cunho econômico, ao pensar na comercialização justa e solidária e no consumo consciente por parte das pessoas que buscam qualidade de vida e promoção da segurança alimentar e nutricional (SILIPRANDI, 2013; COSTA, 2017). Fazendo que, ao final do encontro as mulheres puderam trazer para seu cotidiano a discussão sobre modificar a estrutura econômica posta as mulheres e possíveis

caminhos para a transformação desta questão na realidade de cada uma e de cada organização da qual fazem parte.

7.2. AS GUARDIÃS DAS SEMENTES: A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DAS MULHERES NA PRESERVAÇÃO DAS SEMENTES CRIOULAS

No dia 02 de agosto de 2018, aconteceu no Campus Inconfidentes do IFSULDEMINAS⁹ a VIII Festa da Sementes Orgânicas e Biodinâmicas do Sul de Minas Gerais. A feira em si tem como objetivo promover a interação entre os agricultores e agricultoras orgânicas de diversas organizações que fazem parte da Orgânicos Sul de Minas de modo a resgatar e compartilhar saberes e, principalmente, resgatar a ancestralidade das sementes crioulas promovendo espaços de trocas de sementes.

Dentre diversos espaços de aprendizado e trocas de experiências e saberes, ocorreu a oficina “As Guardiãs das Sementes: A importância do Trabalho das Mulheres na Preservação de Sementes Crioulas”.¹⁰ O objetivo da oficina foi promover uma roda de conversa acerca do protagonismo das mulheres em prol do resgate e valorização dos saberes locais e tradicionais e também, da segurança alimentar e nutricional.

Na construção história do movimento agroecológico e feminista, as mulheres são sujeitas protagonistas em pensar nas questões ambientais, de sustentabilidade, na promoção da vida e da segurança alimentar e nutricional (COSTA, 2017; SILIPRANDI, 2013). A construção dos saberes tradicionais e ancestrais em se preservar as sementes, resgate espécies nativas e as protegem do pacote tecnológico da transgenia das sementes da chamada Revolução Verde. A relação entre as mulheres e a agroecologia promove o bem viver, respeitando a reciprocidade da relação entre ser humano e natureza.

Só nesse dia eu entendi o que eu via acompanhando diversas mulheres que faziam parte da Orgânicos. Fui entender nesse dia que sementes crioulas é preservar um saber de plantio e de vida da natureza que hoje muito se perdeu. Entendi quando via uma mulher na roça pegar uma abóbora, ela tirar a semente, colocar para secar e trocar sementes. Isto faz parte do processo, em que entendi as mulheres como protagonistas do movimento agroecológico aqui no Sul de Minas (*Trecho do diário de campo, 28 de agosto de 2018*).

Ao se terem as mulheres engajadas no coletivo, em busca de alimentos mais saudáveis e de qualidade para os seus e toda a sociedade, promove a percepção delas, enquanto coletivo

⁹ O IFSULDEMINAS Campus Inconfidentes abriga a sede da Central de Associações de Agricultores Orgânicos do Sul de Minas e também do Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade Orgânica (OPAC).

¹⁰ Nesta oficina, foi exibido o minidocumentário “As Guardiãs”, de direção de Aloísia Rodrigues Hirata (IFSULDEMINAS). Link para acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=MJiSlyj2Ogs&t=194s>

(PAREDES, 2010; SACAVINO, 2016). As ações comunitárias das mulheres para a preservação das sementes promove um resgate de saberes em que, elas trocam entre si em espaços como a oficina, sementes, doando umas às outras e também conhecimentos. Passando a forma de plantar, cuidar, colher.

As mulheres sendo parte central da preservação das sementes, valorizam e evidenciam como elas são importantes para a produção de alimentos, principalmente, na produção orgânica. A preservação das sementes, carrega consigo o caráter solidário, de coletividade e de cooperação. Características estas de organizações coletivas que resgatam formas alternativas de convívios que contrapõem-se à exploração e individualidade do Sistema Capitalista.

7.3. CIRCUITO SUL MINEIRO DE AGROECOLOGIA

No dia 02 de agosto de 2018, foi promovido pelo Núcleo de Estudos em Agroecologia (NEA-IFSULDEMINAS) o Circuito Sul Mineiro de Agroecologia no Sítio Alecrim Dourado, em Pedralva. O objetivo do Circuito foi troca e resgate de saberes locais e tradicionais para a produção de cafés orgânicos especiais, com foco nas mulheres agricultoras, uma vez que há uma presença significativa de mulheres nesta produção agrícola.

Durante todo o evento, foi percebido como as mulheres buscam interagir num coletivo como um todo, sendo que estavam presente 28 mulheres. As mulheres ali presentes, construíram juntas como seria as atividades do dia e buscaram juntas entender técnicas de manejo acerca da produção do café.

Ao decorrer do circuito, as mulheres conjuntamente, trocaram experiências e saberes, valorizando seus conhecimentos, o saber construído na prática e na vivência da agricultura. Passado de geração em geração, as mulheres desconstruíram saberes acadêmicos e trouxeram o caráter horizontal para o processo de aprendizagem (COSTA, 2017; PAREDES, 2010; 2016; SACAVINO, 2016).

As mulheres presentes no Circuito, buscavam juntas não somente saber sobre a produção do café, mas também, trocar saberes, experiências e conhecimentos acerca de toda a produção agroecológica de hortaliças, de sistemas agroflorestais e da comercialização. Foi percebido que elas, ao plantarem seus produtos, buscam propagar técnicas e saberes para as outras e também, que pensar muito na sustentabilidade, nas gerações futuras ao escolherem a produção agroecológica e orgânica e serem guardiãs de sementes (COSTA, 2017; PAREDES, 2010; SACAVINO, 2016).

Luciene, a proprietária do Sítio Alecrim, disse várias vezes que plantar com amor é cuidar da sua família, das pessoas que compram seus produtos. É cuidar da terra, que não é nossa, é emprestada pela natureza e que a gente tem que cuidar muito bem porque outras pessoas vão precisar dessa terra (*Trecho do diário de campo, 02 de agosto de 2018*).

Outro fato que chamara a atenção é de como as mulheres aproveitam espaços como estes para trocar sementes. Todos os espaços em que as mulheres estão em coletivo, elas buscam resgatar a troca e preservar à vida da terra, por meio da ancestralidade de seus saberes (COSTA, 2017; PAREDES, 2016; SACAVINO, 2016).

Depois que andamos pelo cafezal e no terreiro suspenso, as mulheres organizaram um espaço para troca de sementes. Tinha coisa ali que nunca vi na vida e outras mulheres também não. Mas o fato de buscarem juntas os saberes, conhecimentos, torna aquele espaço descontraído, de aprendizado. Peguei mania das mulheres, de tirar sementes de frutas que como e guardar. Comecei a compartilhar sementes desde então (*Trecho do diário de campo, 02 de agosto de 2018*).

Uma outra questão envolta da organização das mulheres neste dia, foi sobre espaços de comercialização. Elas ainda sentem a dificuldade de se colocar no mercado produtos orgânicos sem os atravessadores e sem a apropriação do Sistema Capitalista pelos altos preços (MORENO, 2014; NOBRE, 2015; NOBRE, 2008). Elas se articulam buscam caminhos de compra direta em contato com os consumidores, de modo a promover a consumo consciente e o comércio justo e solidário.

Muitas mulheres que estavam presentes no circuitos, começaram a defender a ideia de feiras e, principalmente, grupos de consumidores. Elas acreditam que a conscientização de maneira gradual, pode fazer com que mais pessoas busquem comprar um alimento saudável, sem veneno, direto da produtora e pagando um preço justo, que as valorize e não explore quem consome (*Trecho do diário de campo, 02 de agosto de 2018*).

A articulação das mulheres no coletivo no Circuito Sul Mineiro de Agroecologia evidencia novamente como estas sujeitas veem no campo da agroecologia, a perspectiva feminista de suas formas de vida, da segurança alimentar e nutricional, da solidariedade e reciprocidade.

7.4. MUTIRÃO DA COLHEITA DE CAFÉ ORGÂNICO¹¹

As mulheres do grupo MOBI-Mulheres Organizadas Buscando Independência- tiveram a ideia de se articularem para promover um mutirão para colheita de café na lavoura de uma

¹¹ Houve um evento em que participei somente envolvendo as mulheres do grupo MOBI, por este ser o objetivo de pesquisa da minha pesquisa do mestrado em administração (CEPEAD/UFMG). Foram 2,5 meses imersa no campo de pesquisa para coleta de dados (meados de julho até setembro de 2018). Título do projeto: **Histórias de vida e práxis da luta: A (auto) identificação das sujeitas de um grupo de mulheres rurais.**

das integrantes do grupo. O motivo que fez com que o grupo se articulasse para a colheita coletiva foi que, a integrante do grupo é coordenadora do mesmo e, por motivos diversos de compromissos de representação da MOBI, isso fez com que atrasasse sua colheita.

Assim, as mulheres marcaram o dia 20 de agosto de 2018 para ser o dia do mutirão. Do grupo, haviam cinco mulheres, e o mais interessante foi que neste dia se fez valer o familiar da agricultura. Não somente as mulheres foram, mas também seus esposos e todos fizeram parte do processo da colheita, sendo que a prática coletiva foi estendida para a organização dos lanches da manhã e da tarde, e também, do almoço, onde cada um levou sua marmita.

O objetivo do mutirão foi valorizar a solidariedade das ações na agricultura familiar, resgatando a coletividade que havia antes da nossa sociedade viver o Sistema Capitalista (SCHMITT, 2010; PINTO, 2006). Troca de saberes e espaço comunitário/coletivo de trabalho foram temas centrais percebidos na prática da colheita do café. As mulheres e também os homens presentes, demonstraram diversas vezes como trabalhar em coletivo promove a propagação da solidariedade para as nossas ações diversas, uma vez que nossa sociedade vive ainda de forma individual (COSTA, 2017; PAREDES; 2010, 2016; SACAVINO, 2016).

As mulheres em diversos momentos compartilharam saberes e experiências na produção do café, uma vez que todas elas trabalham com tal produto. Participar da experiência da organização das mulheres para o trabalho coletivo na agricultura, desconstrói diversos princípios capitalistas e patriarcais que permeiam a nossa sociedade. O trabalho coletivo valoriza traz outra dimensão para a noção de tempo e torna o ambiente mais coletivo, solidário e de cooperação (COSTA, 2017; PAREDES, 2016; SACAVINO, 2016).

A gente estava na parte mais alta da lavoura de café e as mulheres estavam juntas, cada duas numa rua, bem próximas. Durante todo dia ficamos conversando da importância que se tem em espaços coletivos e de como estes espaços são de grande importância para as mulheres. As agricultoras disseram que isso faz elas se sentirem mais valorizada, em saberem que há outras mulheres que trabalham na mesma produção, que pensam na preservação da vida e da natureza (Trecho do diário de campo, 20 de agosto de 2018).

Outro ponto importante sobre a articulação da mulheres em coletivo é de como o espaço da lavoura também é espaço político, em que elas continuam constantemente articulada em prol das causas feministas que dão base ao grupo MOBI. Elas resgatam em suas conversas a história do grupo, do porquê, do que precisa ser melhorado e de como ele se faz importante referência para outros coletivos e grupos de mulheres na região.

Sempre me chama a atenção como elas não param! Elas vivem o grupo diariamente, independente dos lugares em que estejam. Ali juntas, elas têm ideias

no coletivo, pensando no grupo como um todo (*Trecho do diário de campo, 20 de agosto de 2018*).

Também na ação coletiva das mulheres do grupo MOBI neste dia é a troca de experiências ali envolvidas (COSTA, 2017; PAREDES, 2016; SILIPRANDI, 2013; SACAVINO, 2016). O espaço coletivo do trabalho, da colheita traz para as mulheres uma percepção maior de como a mulher se faz importante para a agricultura familiar, mais especificamente, na produção orgânica e agroecológica (COSTA, 2017; GT MULHRES ANA, 2015; PAREDES, 2010; 2016; SILIPRANDI, 2013; SACAVINO, 2016). Elas se sentem valorizadas, unidas, estas percepções perpassam para o coletivo num todos, pois, elas passam a trazer o processo de conscientização política do trabalho para o âmbito doméstico (MORENO; 2014; NOBRE, 2008). As trocas não são apenas acerca de técnicas de plantio, mas também, do cotidiano das famílias, onde elas tem na agricultura espaço para pensar na desconstrução do trabalho doméstico e se sentirem parte de todo o processo do plantio, desde à terra até a comercialização.

Foi difícil acompanhar tanta informação e tanta conversa...as mulheres no coletivo estavam trabalhando para a companheira e ao mesmo tempo tendo ideias, refletindo sobre coisas para todas do grupo. Foi interessante de ver, porque, eu não estou acostumada a ver tantos trabalhos coletivos, pensando no próximo em questão de dinheiro. Vi ali um pouco do que não via a tempos, práticas da economia solidária na vida das mulheres da MOBI (*Trecho diário de campo, 20 de agosto de 2018*).

As ações solidárias e de coletividade, presentes nas diversos encontros e eventos em que houveram, seja com foco nas mulheres ou perpassando a temática das mulheres rurais, agroecologia e feminismo evidenciam como elas estão articuladas em prol da segurança alimentar e nutricional, do bem viver, buscando assim, desconstruir o Sistema Capitalista e o Patriarcado.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da abordagem teórica acerca da Economia Solidária, da Economia Feminista, do Feminismo Comunitário e das mulheres rurais, relacionando-os todos com a Agroecologia, objetivou-se assim, por abordagem decolonial apresentar práticas e vivências da agroecologia, alinhadas à economia solidária que resgatam modos alternativos das relações econômicas, na chamada economia feminista por meio do feminismo comunitário.

Apresentados os relatos de experiência de eventos que buscaram promover o protagonismo das mulheres rurais na produção agrícola, nas organizações e comercialização de produtos, sendo esses: I Encontro de Mulheres do Sistema Participativo de Garantia da

Qualidade Orgânica- SPG Sul de Minas; VIII Festa da Sementes Orgânicas e Biodinâmicas do Sul de Minas Gerais (Oficina: As Guardiãs das Sementes: A importância do Trabalho das Mulheres na Preservação de Sementes Crioulas); Circuito Sul Mineiro de Agroecologia; e, Mutirão de colheita de café orgânico.

Por meio da ação coletiva dos encontros, buscou-se enfoque na organização coletiva das mulheres em prol da segurança alimentar e nutricional, do bem viver, da economia feminista, do resgate de saberes, compartilhamento de experiência e saberes, protagonismo feminino na produção orgânica e agroecológica, e, espaço coletivo e comunitário de trabalho. Tal enfoque nos mostra que, as mulheres dentro do Sistema Participativo de Garantia de Qualidade Orgânica- SPG Sul de Minas, buscam constantemente ter espaços de articulação política, formação e conhecimento, uma vez que isto visibiliza a mão de obra feminina na agricultura.

Ainda que o presente trabalho buscou trazer a diversidade dos espaços coletivos e comunitários das mulheres da Orgânicos Sul de Minas por meio de suas práticas e organização, fica de sugestão para trabalhos futuros, relatos individuais de cada evento, aprofundar na questão da economia feminista, de como a agroecologia vem desconstruindo o colonialismo do patriarcado, ainda existe; também, fica como possibilidade de futuros trabalhos a discussão teórica acerca da temática feminista que permeia dos SPGs e o Plano Nacional de Agroecologia e Agricultura Orgânica (PLENAPO) de modo a ter como enfoque a Orgânicos Sul de Minas em um todo, bem como cada uma das associações e cooperativas que desta fazem parte.

Ao ser mostrado como a prática e vivência da agroecologia e da ES estão presentes nos processos de certificação participativa e suas ações de produção e comercialização e, das mulheres como guardiãs das sementes, evidencia como as mulheres rurais do Sul de Minas vem atuando sociopolítico e economicamente, ressignificando e resgatando o ser mulher na agricultura por meio da agroecologia, junto à economia solidária, promovendo a economia feminista via feminismo comunitário. Tal proposta, faz pensar a ES como teoria e prática decolonial, justamente por ter na agroecologia e na economia feminista, cenários de sua prática, principalmente no que tange aos coletivos feministas.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, L. Economia Feminista. In.: CATTANNI, A. D.; LAVILLE, J. L.; GAIGER, L. I.; HESPANHA, P. (Orgs.). **Dicionário internacional da outra economia**. Coimbra: Edições Almedina, 2009. p. 128-132.

COSTA, M. G. Agroecologia, (eco)feminismos, e “bem-viver”: emergências descoloniais no movimento ambientalista brasileiro. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11, 2017, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 2017. p. 1-12.

FRANÇA FILHO, G. C.; LAVILLE, J. A Economia Solidária: uma abordagem internacional. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

GT MULHERES DA ANA. La construcción de una agenda feminista en la agroecología. In.: NOBRE, M.; FARIA, N.; MORENO, R. (Orgs.). **Las mujeres en la construcción de la economía solidaria y da agroecología. Textos para la acción feminista.** SOF: São Paulo, 2015. p. 67-106.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica.** 6 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MORENO, R. A economia na agenda política do feminismo. In.: MORENO, R. (Org.) **Feminismo, economia e política: debates para a construção da igualdade e autonomia das mulheres.** SOF: São Paulo, 2014, p. 23-18.

NOBRE, M. Economía soliaría y economía feminista: elementos para una agenda. In.: NOBRE, M.; FARIA, N.; MORENO, R. (Orgs.). **Las mujeres en la construcción de la economía solidaria y da agroecología. Textos para la acción feminista.** SOF: São Paulo, 2015. p. 13-44.

PAREDES, J. **Hilando fino.** Desde el feminismo comunitario. La Paz: Creative Commons, 2010.

PAREDES, J. Latinoamérica. Disponível em: http://www.americalatina genera.org/es/index.php?option=com_content&view=article&id=1218&Itemid=388. Acesso em: 17 set. 2018.

PINTO, J. R. L. **Economia solidária: de volta à arte da associação.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

ROCHA, M. C. P. *et al.* Relato de experiência: preparando o aluno de pós-graduação para o exercício da docência em enfermagem no cuidado da criança e da família na experiência da doença. **Revista Sociedade Brasileira de Enfermagem**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 31-35, 2010.

ROESE, Adriana et al. Diário de campo: construção e utilização em pesquisas científicas. **Brazilian Journal of Nursing**, v. 5, n. 3, 2006.

SABOURIN, E. Acesso aos mercados para a agricultura familiar: uma leitura pela reciprocidade e a economia solidária. *Revista de Economia NE*, Fortaleza, v. 45, p. 21-35, out./dez. 2014.

SACAVINO, S. Tecidos feministas de Abya Yala: feminista comunitário, perspectiva decolonial e educação intercultural. **Uni-pluri/versidad**, v. 16, n. 2, p. 98-106, 2016.

SCHMITT, C. J. Economia solidária e agroecologia: convergências e desafios na construção de modos de vida sustentáveis. Mercado de trabalho: conjuntura e análise (Ipea), n. 4, p. 55-64, fev. 2010.

SILIPRANDI, E. Mulheres Agricultoras: sujeitos políticos na luta por soberania e segurança alimentar. [2013]. Disponível em: <http://www.iica.int/Esp/regiones/sur/brasil/Lists/DocumentosTecnicosAbertos/Attachments/409/Emma_Cademartori_Siliprandi_-_NEAD_artigo.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2018.

SIMON, V. P.; BOEIRA, S. L. Economia social e solidária e empoderamento feminino. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 53, n. 2, p. 532-542, set./dez. 2017.

TAIT, M. Camponesas, feminismos e lutas atuais: resistência e potência na construção de epistemologias do Sul. **Mundos Plurales - Revista Latinoamericana de Políticas y Acción Pública**, v. 2, n. 1., p. 77 – 102, 2005.

WALSH, C. Interculturalidad y colonialidad del poder: un pensamiento y posicionamiento “otro” desde la diferencia colonial. In.: CASTRO-GOMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. (Orgs.). **El giro decolonial: reflexione para una diversidad epistémica más alla del capitalismo global**. Bogotá: siglo del Hombre Editores. Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, 2007.